

PLANTAS COMO FERRAMENTAS DE EXPRESSÕES CULTURAIS

Camila de Campos Viana de Oliveira¹

Risy Regina Westphal Mendes²

Cindy Garcia Rodrigues³

Helios Luciel Gonçalves⁴

RESUMO: O desenvolvimento da agricultura e uso mais intenso de espécies vegetais pelos humanos resultou no processo de domesticação vegetal e no aparecimento de grandes civilizações. Isso favoreceu características que fossem vantajosas não somente para uso alimentar como também para aplicação das plantas em atividades ritualísticas e do cotidiano, permitindo que cada cultura criasse uma identidade própria. Esse artigo teve como propósito fazer uma revisão geral do uso das plantas para fins culturais ao nível local (Brasil) e no mundo. Os achados demonstram aplicações em banhos, chás, defumações, fumos, expressão artística, além da relevância econômica, pois diversas populações utilizam como uma fonte de renda básica, o que demonstra a importância das plantas desde o início da humanidade.

Palavras-chave: Etnobotânica; Domesticação vegetal; Expressão cultural; Plantas e religião.

PLANTS AS TOOLS OF CULTURAL EXPRESSION

ABSTRACT: The development of agriculture and the more intensive use of plant species by humans led to the process of plant domestication and the emergence of great civilizations. This favored traits that were advantageous not only for food use, but also for the application of plants in ritualistic and everyday activities, allowing each culture to create its own identity. The purpose of this article was to provide a general review of the use of plants for cultural purposes at both the local (Brazil) and global levels. The findings reveal applications in baths, teas, smudging, smoking, and artistic expression, in addition to their economic relevance, as various populations use them as a basic source of income, highlighting the importance of plants since the dawn of humanity.

Key-words: Ethnobotany; Plant domestication; Cultural expression; Plants and religion.

¹ Bacharelanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Lattes:<https://lattes.cnpq.br/8556350454717055> E-mail: cammyoliveira10@gmail.com

² Bacharelanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6238888429672854> E-mail: risyaregi@gmail.com

³ Bacharelanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4900599503909235> E-mail: cindygarciarodrigues@gmail.com

⁴ Bacharelando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5625612033318939> E-mail: limaryan.goncalves@gmail.com

INTRODUÇÃO

A manipulação e uso de plantas por humanos vai além do aspecto alimentar. A partir do aumento da expectativa de vida e do *boom* populacional promovido pela agricultura, grupos humanos sedentários passaram a observar, experimentar e associar plantas ao coletivo popular através da incorporação delas às práticas cotidianas e ritualísticas, através de festividades e crenças (SUJARWO, 2020). A incorporação de plantas na construção de uma identidade cultural foi adotada por povos ao redor do mundo, com usos que perduram até a atualidade. Ao longo da história da humanidade, as relações etnobotânicas tomam significados diferentes para os grupos humanos. Indígenas brasileiros, por exemplo, possuem uma consciência distinta da relação herdada da influência eurocêntrica-cristã, cuja visão da natureza é utilitarista e antropocêntrica (HOFFMANN, 2018).

A visão utilitarista da natureza (incluindo a vegetal) a considera como alvo de pecado e tentação, a colocando como obstáculo na caminhada rumo à comunhão (RIBEIRO, 2008). A primeira menção de pecado na religião cristã está diretamente relacionada à uma planta: a árvore do conhecimento do bem e do mal, um conceito espiritual dado a uma planta cujo uso alimentício dos frutos poderia mudar drasticamente o destino da humanidade (DOWNEY, 2011). Durante a invasão dos territórios indígenas por portugueses e espanhóis, os conhecimentos indígenas a respeito da utilização de plantas, principalmente para uso medicinal, foram postos como inferiores a partir da visão europeia do que era considerado civilizado e racional. Para eles, povos nativos não compunham populações civilizadas, e a ausência de linguagem escrita foi lida como deficiência intelectual, de forma que os saberes originários foram desumanizados e descredibilizados pelos invasores. Apesar disso, foram produzidas farmacopeias que foram distribuídas em território português (MARQUES, 2013).

O pensamento de superioridade europeu em relação ao conhecimento botânico tradicional, oriundo do período colonial, segue vigente. Trabalhos atuais que tratam de descrição de plantas brasileiras à época das expedições aos biomas seguem considerando que o conhecimento botânico da região apenas foi iniciado a partir da interferência acadêmica portuguesa nos primórdios da colonização (PEREIRA, 2011), eliminando a influência da observação e experimentação etnobotânica de grupos originários. Grupos humanos da Mesoamérica utilizavam plantas como o milho para explicar a origem do mundo e do homem, e o cacau para produzir bebidas estimulantes para a elite Asteca a partir das sementes torradas, ou ritualísticas na cultura Maia. As sementes da espécie, também eram utilizadas como moeda de troca, fato que impressionou a expedição de Cristóvão Colombo (PORRO, 1997).

A relação de grupos humanos com a botânica continua sendo elucidada através de trabalhos arqueológicos (PIPERNO, 2011; CLEMENT, 2016; WATLING, 2018; KILLION, 2013), que frequentemente demonstram eventos de domesticação de diversas culturas vegetais através de achados em sítios de escavação. Para além do uso alimentar, plantas são utilizadas desde os primórdios dos tempos humanos para práticas culturais. Ritos funerários (SILVA, 2023), presentes, status de riqueza e ascensão social, assim como padrões de beleza estão relacionados com a utilização de plantas (ABUBAKAR, 2021; AKINMOLADUN, 2025; BICALHO, 2018; COSTA, 2025). Algumas culturas humanas fazem uso de plantas (inclusive aquelas que possuem princípios psicoativos) para práticas de imersão espiritual, para ter contato com divindades (ARAÚJO, 2005). O avanço do conhecimento técnico-científico, e a incorporação de culturas ocidentais por grupos tradicionais, ameaça a manutenção de práticas culturais e saberes botânicos antigos (CÂMARA-LERET, 2021). Apesar disto, manifestações culturais atreladas a plantas seguem sendo parte importante de comunidades ao redor do mundo, não apenas como parte imaterial da cultura, compondo bases estruturais de economias (SINGH, 2024). No Brasil, temos comunidades como as quebradeiras de coco babaçu que baseiam toda a atividade econômica no extrativismo vegetal (SILVA, 2019).

Tendo em vista a importância das plantas como ferramentas de manifestação cultural desde a pré-história até a Idade Contemporânea, este trabalho teve como objetivo revisar conceitos acerca da utilização vegetal para práticas culturais, assim como suas ocorrências no Brasil e no mundo.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura com abordagem qualitativa, que reuniu, analisou e interpretou estudos científicos relacionados ao uso cultural de plantas por diferentes grupos humanos. A pesquisa bibliográfica foi realizada utilizando as bases de dados SciELO, Scopus, Web of Science, Google Scholar, Google e o Portal de Periódicos da CAPES. Os trabalhos foram selecionados a partir das palavras-chave: Plantas e uso ritualístico; Plantas e cultura; Etnobotânica; Plantas medicinais; Colonialismo e conhecimento botânico; Arqueobotânica; Plantas sagradas; Simbolismo de plantas em diferentes culturas. Para a seleção, foi realizada a leitura de títulos, resumos e, posteriormente, do texto completo, seguindo critérios de relevância e clareza metodológica. Ao final do processo, os textos foram organizados em categorias temáticas, como usos medicinais, simbólicos, religiosos, estéticos e econômicos das plantas.

Uso ritualístico e simbolismo de plantas em religiões de matriz africana

No Brasil, especialmente nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, observa-se o uso de uma ampla variedade de plantas em práticas ritualísticas. Esse uso está relacionado à forte conexão dessas tradições com a natureza e com os elementos do ambiente, o que resulta na incorporação de diferentes espécies vegetais com finalidades simbólicas, terapêuticas e espirituais.

Dentre os diversos tipos de usos podem ser citados banhos preparados com diferentes ervas, como *Plectranthus barbatus* (boldo). A espécie é muito utilizada para banhos de descarrego (ALVES et al, 2019). Esses banhos ritualísticos, embora comumente utilizados com o propósito principal de purificação energética, também podem desempenhar funções terapêuticas, como revitalizar o indivíduo ou tratar condições físicas específicas. Um outro exemplo é o uso da espécie *Euphorbia hirta* (conhecida popularmente como erva-de-santa-luíza) em banhos destinados ao tratamento de problemas de visão, como a cegueira, conforme registrado por Alves et al. (2019), prática que também se insere no contexto da medicina popular.

Outro uso recorrente das plantas em contextos rituais é a preparação de chás. Assim como os banhos, esses infusos são utilizados com o objetivo de promover a purificação tanto do corpo quanto do espírito, frequentemente empregando as mesmas espécies vegetais utilizadas em banhos de descarrego (VIANA, 2017). Além da função ritualística, os chás também são amplamente empregados na medicina popular, desempenhando papéis terapêuticos no tratamento de diversas enfermidades (GUIMARÃES, 2019).

A espécie *Banisteriopsis caapi*, popularmente conhecida como ayahuasca, é amplamente utilizada em contextos ritualísticos, especialmente por meio da preparação de um chá destinado à expansão espiritual e à indução de estados ampliados de consciência. No entanto, seu consumo é geralmente restrito a ocasiões específicas e, em muitos casos, permitido apenas a praticantes iniciados em determinadas tradições religiosas. Além do uso como bebida, a ayahuasca também é empregada na elaboração de um macerado de ervas que, ao ser queimado, tem como finalidade a purificação do ambiente e das pessoas presentes (COSTA, 2005). As práticas de defumação, embora comuns em contextos religiosos, também ocorrem

em residências, com o intuito de proteger os moradores e atrair boas energias, de modo semelhante ao uso de incensos (GARCIA, 2016).

Outras espécies são tradicionalmente utilizadas na forma de fumo, especialmente em cachimbos, sendo empregadas tanto por médiuns e praticantes de religiões afro-brasileiras quanto pelas entidades espirituais que atuam nesses contextos. O uso do fumo apresenta múltiplas finalidades, como cura, descarrego, proteção e purificação do ambiente (ALVES et al., 2012). Entre as variações dessa prática, destaca-se o uso do rapé — um pó fino resultante da Trituração de folhas de tabaco, frequentemente combinado com outras ervas. O rapé é tradicionalmente aspirado pelas narinas, com ou sem o auxílio de instrumentos específicos, sendo empregado em contextos meditativos para a expansão da consciência, bem como com finalidades terapêuticas, como o alívio de sintomas respiratórios, incluindo rinite. Essa substância está amplamente presente em rituais de purificação espiritual, com forte influência das tradições indígenas amazônicas (CUNHA, 2002).

Nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, muitas ervas possuem vínculos simbólicos e espirituais com entidades específicas. Um exemplo notável são os Pretos Velhos — espíritos de antigos escravizados — cuja prática espiritual é fortemente associada ao uso de ervas em diferentes formas, como banhos, chás, defumações, passes com plantas sobre o corpo e o uso ritual do fumo (ALVES et al., 2012; Figura 1). Essas práticas reforçam a centralidade das plantas como instrumentos de cura e mediação espiritual dentro dessas tradições religiosas.



Figura 1. Ritual de meditação com rapé. Tenda de Umbanda São Miguel Arcanjo, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

No Brasil, diversas religiões demonstram um profundo respeito pela natureza, utilizando a chamada medicina sagrada com o máximo de reverência, buscando a preservação das ervas e promovendo seu uso de maneira sustentável (MAÇANEIRO, 2023). Plantas consideradas venenosas também são incorporadas a esses usos ritualísticos, frequentemente devido ao poder de seu veneno, o qual é considerado por muitos como um eficaz combatente

contra energias negativas e obsessores. Essas plantas são especialmente utilizadas em práticas de descarrego, que podem ocorrer tanto por meio do contato direto com o corpo, como ao passar a planta sobre a pele para a remoção dessas energias, quanto em banhos preparados com infusões quentes, que têm o objetivo de extrair todos os compostos terapêuticos da planta (ALVES, 2019).

Em diferentes partes do mundo, há religiões estruturadas em torno de espécies vegetais específicas, como é o caso do Peyotismo — uma religião de origem indígena norte-americana que integra elementos do cristianismo. Essa tradição espiritual tem como prática central o uso ritualístico do *peyote* (*Lophophora williamsii*), um cacto nativo da região que contém substâncias psicoativas, notadamente a mescalina, capazes de induzir estados alterados de consciência. Devido a essas propriedades, o consumo do *peyote* é estritamente regulamentado e, fora do contexto religioso, é considerado ilegal. Ainda assim, a região atrai certo tipo de turismo espiritual ou psicodélico, motivado pelo interesse nas experiências visionárias proporcionadas por essa planta sagrada (DAVID, 2025).

A datura, também conhecida como trombeta-de-anjo (*Brugmansia Pers.*), é uma planta amplamente utilizada em diversos contextos religiosos. No entanto, o motivo de seu consumo geralmente é semelhante: expandir a consciência, ser utilizada em rituais de passagem ou até mesmo promover um maior entendimento da espiritualidade. Contudo, trata-se de uma planta considerada perigosa, pois seus princípios tóxicos e psicoativos são altamente elevados (MAMANI, 2023; SILVA, 2021).

Uso de plantas na confecção de roupas e adereços utilizados no Toré e outros rituais.

O toré é um ritual que reúne várias práticas em uma grande cerimônia, tais como dança, brincadeiras e expressões simbólicas, sendo, majoritariamente, uma prática ritualística e cultural (Barcellos e Farias et al, 2014). É um ritual praticado por várias etnias da região nordeste do Brasil, dentre elas a Xukuru-Kariri. Esta prática se utiliza de adereços, vestimentas e instrumentos para sua realização. Estudo etnobotânico feito por V. A. Silva e L. H. C. Andrade em 2001, fez o levantamento acerca da diversidade de plantas utilizadas por essa etnia (Tabela 1). Adicionalmente, outras informações sobre uso de outras plantas para confeccionar itens de vestimentas ritualísticas podem ser encontradas (<https://www.socioambiental.org/>), como o uso de palha de *Syagrus coronata* (ouricuri) e fibra de *Neoglaziovia variegata* (caroá) para confecção de chapéu, para uso em outros rituais particulares à etnia (Figura 2). Ouricuri, além de ser o nome dado à uma das plantas utilizadas para se produzir adereços pela etnia, também é a nomeação dada à uma cerimônia de importância para o grupo, a qual não se tem conhecimento da ritualística, feita com o objetivo de se ter um momento de contato direto com a natureza e as entidades indígenas, conhecidas como “encantados” (ROCHA & BEZERRA, 2024).

Tabela 1: Espécies vegetais usadas em rituais religiosos com as partes aproveitadas e suas respectivas utilizações. Adaptado de (L. H. C. Andrade, 2001)

Táxon	Nome Vulgar	Parte da Planta Usada	Uso
Arecaceae			
<i>Cocos nucifera L.</i>	Côco	Folhas	Saia do Toré
Leguminosae			

<i>Mimosa tenuiflora</i> (Wild.) Poir.	Jurema preta	Cascas	Maceradas em água
Musaceae			
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	Folhas	Saia do Toré
Poaceae			
<i>Coix lacrima-jobi</i> L.	Lágrima-de-Nossa-Senhora	Sementes	Colares e pulseiras



Figura 2: Cacique utilizando vestimenta ritualística. Chapéu fabricado com fibras de ouricuri e caroá.
Imagem pode ser encontrada em:<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>

Simbolismo de espécies das famílias Nymphaeaceae (Salisb.) e Nelumbonaceae (A. Rich.) em diferentes culturas

Além dos usos ritualísticos, as plantas também são utilizadas como símbolos culturais e frequentemente representadas em diversas formas de arte, como a pintura, a literatura e o artesanato (BELAUNDE, 2016). As plantas estão presentes de diferentes formas, algumas vezes atribuídas a diferentes divindades como no caso do tulsi (*Ocimum tenuiflorum*) no hinduísmo, que é considerado casa dessas divindades (CHOUDHARY, 2020), ou até mesmo simbolizando a pureza, presente no cristianismo em relação aos lírios (MICHNIEWSKA, 2020). Outros símbolos assumidos comuns são: a atração de energias positivas, proteção, bens materiais, como dinheiro. Na cultura do antigo Egito, por exemplo, plantas das famílias Nymphaeaceae e Nelumbonaceae, como *Nymphaea caerulea* (lírio-de-água-azul) simbolizavam o nascer do sol e a renovação da vida, sendo associada ao símbolo egípcio “ankh” (chave para a vida eterna), sendo usado em rituais funerários junto com o artefato (POMMERENING, 2015). Na cultura hindu, o *Nelumbo nucifera* (lótus indiano) é considerado sagrado (BEUCHERT, 2004) e uma representação de divindades, iluminação, fertilidade, longa vida, sabedoria e riqueza.

O lótus indiano é tão importante culturalmente na Índia que se tornou a planta símbolo do país. No budismo, *N. nucifera* também possui um significado central (BEUCHERT, 2004). De acordo com a religião budista, Buda andou sobre 7 flores de lótus quando nasceu, além disso

há iconografias antigas de Buda sendo representado no centro de uma flor de lótus (Figura 3). Além dos símbolos assumidos nas religiões já citadas, é possível ver o lótus sendo utilizado simbolicamente no cristianismo, como símbolo em igrejas destinadas à Santa Maria, por exemplo (Figura 4) (KANDELER & ULLRICH, 2009).



Figura 3: Buda sendo representado em uma escultura de bronze, sobre uma flor de lótus estilizada (KANDELER & ULLRICH, 2009).



Figura 4: Mosaico presente na Basílica de Acheiropoietos, Tessalônica. Com a presença de flores de lótus representadas nos vasos que cercam o símbolo da cruz. Disponível em: <https://uchitelj.livejournal.com/1274320.html>

CONCLUSÃO

Revisitar os conceitos relacionados ao uso de plantas nas mais diversas práticas ritualísticas e culturais, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo, permite compreender sua relevância desde a antiguidade até os dias atuais. As plantas são amplamente utilizadas em atividades religiosas, expressões artísticas, ritos funerários, como símbolo de status e riqueza, bem como na confecção de objetos culturais específicos, como instrumentos e adereços utilizados em rituais ou para fins estéticos. Além de sua importância simbólica, as plantas possuem um valor cultural e econômico significativo. No entanto, a crescente influência da tecnologia, a expansão da cultura ocidental, especialmente a norte-americana, e a redução das pesquisas voltadas aos saberes tradicionais colocam em risco a preservação de conhecimentos ancestrais, ameaçando a continuidade de práticas que foram transmitidas oralmente por gerações em diversas culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABUBAKAR**, M. et al. Ethnobotanical survey of plants species used by female in cosmetic practices in Katsina City, Nigeria. International Journal of Herbal Medicine, v. 9, n. 2, p. 45-52, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/124057522/Ethnobotanical_Survey_of_Plants_species_used_by_Female_in_Cosmetic_Practices_in_Katsina_City_Nigeria. Acesso em: 09 maio 2025.
- AKINMOLADUN**, F. O. et al. Cosmetic ethnobotany used by tribal women in Epe communities of Lagos, Nigeria. Journal of Complementary & Alternative Medical Research, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <https://juniperpublishers.com/jcmah/pdf/JCMAH.MS.ID.555845.pdf>. Acesso em: 09 maio 2025.
- ALVES**, K. C. H.; Povh, J. A.; Portuguez, A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. Ethnoscientia, v. 4, 2019.
- ALVES**, Rômulo Romeu Nóbrega; SILVA, Vanessa Barros da; LUCENA, Reinaldo Farias de. *Medicinal plants and their role in the healing practices of Afro-Brazilian religions*. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, [S. l.], v. 8, n. 44, p. 1–11, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1746-4269-8-44>. Acesso em: 9 maio 2025.
- ARAÚJO, M. C. R.; VIEIRALVES-CASTRO, R.** (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832007000100020>. Acesso em: 14 maio 2025.
- BELAUNDE**, Luisa Elvira. *Donos e pintores: plantas e figuração na Amazônia peruana*. Mana, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 611–640, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442016v22n3p611>. Acesso em: 22 maio 2025.
- BICALHO**, P. S. dos S. Se pinta e se veste: a segunda pele indígena. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 11, n. 23, p. 88–99, 2018. DOI: 10.26563/dobras.v11i23.712.
- CÁMARA-LERET**, Rodrigo; BASCOMPTE, Jordi. Language extinction triggers the loss of unique medicinal knowledge. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 118, n. 24, e2103683118, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.2103683118>. Acesso em: 15 maio 2025.
- CHOUDHARY, S. K.** *Ethnobotany and the Sacred Divine Plant: Tulsi*. Research Review International Journal of Multidisciplinary, v. 5, n. 9, 2020. DOI: 10.31305/rrijm.2020.v05.i09.059. Acesso em: 24 maio 2025.
- CLEMENT**, C. R. et al. Crop domestication in the upper Madeira River basin. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 11, n. 1, p. 193-205, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100010>.

COSTA, A. P.; JESUS, F.; MARISCO, G. Uso de plantas para fins cosméticos por mulheres: uma alternativa sustentável. *Textura*, v. 15, n. 2, p. 74-83, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22479/texturav15n2p74-83>. Acesso em: 09 maio 2025.

COSTA, Maria Carolina Meres; FIGUEIREDO, Mariana Cecchetto; SANTOS CAZENAVE, Silvia de O. Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 32, n. 6, p. 315–321, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832005000600001>. Acesso em: 16 maio 2025

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DAVID, Emma; SEARIGHT, H. Russell. *Peyote: Neurochemistry, Psychological Effects, Cultural Aspects, Religious Perspectives, and Legality*. In: *ENCYCLOPEDIA OF RELIGIOUS PSYCHOLOGY AND BEHAVIOR*. Cham: Springer, 2025. p. 1–7. DOI: 10.1007/978-3-031-38971-9_1060-1. Disponível em: https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/978-3-031-38971-9_1060-1. Acesso em: 9 maio 2025.

DOWNEY, Martha Elias. *The Original Choice: The Prohibition of the Tree of the Knowledge of Good and Evil*. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/8714835/The_Original_Choice_The_Prohibition_of_the_Tree_of_the_Knowledge_of_Good_and_Evil. Acesso em: 14 maio 2025.

GARCIA, Daniel et al. *Defumadores com possível efeito ansiolítico: estudo etnográfico em um centro de Umbanda*. *Ethnoscientia*, v. 1, n. 1, p. 1–12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/download/10147/2>. Acesso em: 15 maio 2025.

GUIMARÃES, Brenda Oliveira; OLIVEIRA, Ana Paula de; MORAES, Isa Lucia de. Plantas medicinais de uso popular na comunidade quilombola de Piracanjuba – Ana Laura, Piracanjuba, GO. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 8, n. 3, p. 196–220, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2019v8i3.p196-220>. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/3208>. Acesso em: 16 maio 2025.

JIGME; Yangchen, K. An ethnobotanical study of plants used in socio-religious activities in Bhutan. *Asian Journal of Ethnobiology*, v. 5, n. 1, p. 44-51, 2022.

KANDELER, R.; ULLRICH, W. R. Symbolism of plants: examples from European-Mediterranean culture presented with biology and history of art. *Journal of Experimental Botany*, Oxford, v. 60, n. 9, p. 2461–2464, 2009. DOI: 10.1093/jxb/erp166. Acesso em: 24 maio 2025.

KILLION, T. W. Nonagricultural cultivation and social complexity: the Olmec, their ancestors, and Mexico's Southern Gulf Lowlands. *Current Anthropology*, [S. l.], v. 54, n. 5, p. 569–606, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1086/673140>.

MAÇANEIRO, Marcial. Religiões e sustentabilidade: conceitos, ênfases, ações. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 55, n. 2, p. 427, 2023. Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5281>. Acesso em: 16 maio 2025.

MAMANI, Roxana Flores; COELHO, David Richer Araujo; MENDES, Isabel Cristina Melo; GRESS, Claudio Heitor Tavares; OLIVEIRA, Ana Luiza Martins de; GALLIEZ, Rafael Mello; PIMENTEL, Clarisse. Intoxicação por chá de *Brugmansia suaveolens* (trombeta de anjo) em paciente jovem previamente hígido: relato de caso. *Revista de Medicina (São Paulo)*, São Paulo, v. 102, n. 4, e-205036, jul./ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v102i4e-205036>. Acesso em: 16 maio 2025.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *As 'medicinas' indígenas ganham o mundo nas páginas das farmacopéias portuguesas do Setecentos*. In: Anais do IX Encontro Nacional de História Oral, 2013. Disponível em: <https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/VeraRBMarques.htm>. Acesso em: 15 maio 2025.

MICHNIEWSKA, Magdalena. Plants in Medieval Images of the Annunciation of the Blessed Virgin Mary from the Fourteenth, Fifteenth and Early Sixteenth Century. *Wiadomości Botaniczne*, v. 64, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5586/wb.642>. Acesso em: 24 maio 2025.

NELUMBONACEAE in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB593025>>. Acesso em: 22 mai. 2025

OLIVEIRA, C. de C. V. de; Rodrigues, C. G.; Gonçalves, H. L.; Mendes, R. R. W. PLANTAS COMO FERRAMENTAS DE EXPRESSÕES CULTURAIS.

PELLEGRINI, M.O.O. *Nymphaeaceae in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB173>>. Acesso em: 22 mai. 2025

PEREIRA, Rosa Maria Alves. Ilustração botânica de um Brasil desconhecido. 2011. Dissertação (Mestrado em Ilustração Científica) – Instituto Superior de Educação e Ciências, Universidade de Évora, Lisboa, 2011.

PIPERNO, D. R. The origins of plant cultivation and domestication in the New World tropics: patterns, process, and new developments. *Current Anthropology*, v. 52, supl. 4, p. S453–S470, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1086/659998>.

POMMERENING, T.; MARINOVA, E. The early dynastic origin of the water-lily motif. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.CDE.1.102018>. Disponível em: <https://www.academia.edu/21785066>. Acesso em: 24 maio 2025.

PORRO, Antonio. Cacau e chocolate: dos hieróglifos maias à cozinha ocidental. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. sér., v. 5, p. 279-284, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/xPw8BYxsdPRttNX5R7D889v/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 maio 2025.

RIBEIRO, R. F. Natureza, campo e cidade: o desenvolvimento urbano: do Ocidente para as Minas Gerais do século XVIII. *Reuna*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 43-62, 2008.

ROCHA, M. S.; Bezerra, J. Religião, contexto, sagrado e pertencimento: povo indígena Xukuru-Kariri. *Debates em Educação*, v. 16, n. 38, p. 1-16, 2024. DOI: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15876>.

SILVA, Eduardo de Sousa Martins e; ONO, Ben Hur Vitor Silva; MONTEIRO, Bruno Massayuki Makimoto; MENEZES NETO, Joaquim Borges de; SOUZA, José Carlos. Consumo de *Brugmansia suaveolens* (Trombeta de Anjo) e perturbação psíquica. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, p. e11610111366, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11366. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11366>. Acesso em: 16 maio 2025.

SILVA, Joseane Pereira da. Entre plantas e pessoas: análises de microvestígios botânicos de contextos funerários do sambaqui Monte Castelo, Médio Guaporé, RO. 2023. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SILVA, S. A. (2019). *Economia de subsistência e identidades territoriais: as quebradeiras de coco de babaçu no Maranhão*. *Revista Emblemas*, 27(1), 85-102.

SILVA, V. A.; Andrade, L. H. C. Etnobotânica Xucuru: espécies místicas. *Biotemas*, v. 15, n. 1, p. 45-57, 2002.

SINGH, A. K. Cultural importance and economic roles of traditional plant use: an ethnobotanical review. *Journal of Emerging Technologies and Innovative Research (JETIR)*, v. 11, n. 1, p. 762–768, jan. 2024. Disponível em: <https://www.jetir.org/papers/JETIR2412765.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

SOUZA, A. M. de. Plantas medicinais, umbanda e sustentabilidade ambiental e cultural: um estudo de caso no terreiro de umbanda nossa senhora da conceição e cabocla mariana no distrito de Quatro-Bocas Tomé-Açu/PA. 2024. 23 f. il. color. Trabalho de Monografia (Especialização em Gestão de Recursos Naturais) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, 2024.

SUJARWO, W.; CANEVA, G.; ZUCCARELLO, V. Patterns of plant use in religious offerings in Bali (Indonesia). *Acta Botanica Brasilica*, v. 34, n. 1, p. 40–53, 2020. DOI: 10.1590/0102-33062019abb0110.

VIANA, Antonio Carlos Mendonça. *As utilizações de ervas nas religiões afro-brasileiras nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo*. 2017. 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2017. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6815/TCC%20Antonio%20Carlos%20Mendon%C3%A7a%20Viana%20Ervas_UFF.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 maio 2025.

WATLING, J. et al. Direct archaeological evidence for Southwestern Amazonia as an early plant domestication and food production centre. *PLoS ONE*, [S. l.], v. 13, n. 7, p. 1–28, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199868>.

Uchitelj. livejournal. Disponível em: <https://uchitelj.livejournal.com/1274320.html>. Acesso em: 9 de maio de 2025.

Xukuru. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>. Acesso em: 9 de maio de 2025.